

Mitra Diocesana de Nova Iguaçu.
Rua Mal. Floriano Peixoto, 2262. Caixa Postal 77285.
26000 Nova Iguaçu, RJ.

Utilidade Pública — Lei 6.311 de 25 de setembro de 1970.

Composto e impresso nas oficinas gráficas
da Editora VOZES Limitada. Petrópolis, RJ.

A FOLHA

Publicação Litúrgica sem fins lucrativos da Mitra Diocesana de Nova Iguaçu

A GUERRA DOS MENINOS

A *Guerra dos Meninos* é o livro do jornalista Gilberto Dimenstein sobre o extermínio de crianças pelos esquadrões da morte no Brasil. O caderno *Idéias* do Jornal do Brasil (5-5-90) publicou os comentários de Bruno Thys sobre o referido livro: "O foco de investigação deste livro é justamente a superfluidade mais necrosada da crise social brasileira. A criminalidade infantil não pára de crescer. Na mesma proporção em que crianças são vítimas de extermínios, que banalizam a pena de morte com seus julgamentos e execuções sumárias. Um mundo formado por 27 milhões de crianças em situações de carência, onde os direitos individuais, longe de serem uma garantia, constituem-se num luxo..."

O resultado do trabalho, feito em conjunto com a fotógrafa Paula Simas, é uma denúncia dramática que mostra menores nas ruas numa tentativa desesperada de sobrevivência, eliminados por *justiçeiros*, esquadrões da morte ou polícia mineira, grupos contratados por comerciantes que, incomodados com os furtos praticados pelos meninos de rua, partem para a prática de justiça pelas próprias mãos. Isso invariavelmente após uma fase que o autor chama de "intermediária", quando os meninos sobrevivem como vítimas de torturas, abusos e maus tratos.

Dimenstein oferece números impressionantes: de cada cem menores assassinados no país, 33 são vítimas de grupos de extermínio. No Rio, de janeiro a julho do ano passado, foram contabilizados 184 homicídios de menores, envolvendo as mais diversas formas e motivos para a violência. Para se ter uma idéia do que esses números representam, Dimenstein lembra que, no mesmo período, no Líbano, de acordo com registros da Cruz Vermelha, a guerra matou 30 menores, incluindo-se aí as vítimas de atentados. Números que levaram o autor do livro a arrancar do secretário de Segurança a seguinte afirmação: "Existe mesmo um processo de extermínio de menores em várias partes do país. E tenho que reconhecer, infelizmente, que existem policiais matando ou dando proteção" (Hélio Sabóia).

Os grupos de extermínio se multiplicam pelo país, pois quase sempre contam com a proteção clandestina de órgãos oficiais e também porque encontram respaldo na sociedade. Relatos de dirigentes de movimentos de Direitos Humanos ao autor mostram que está cada vez mais difícil obter apoio para combater arbitrariedades policiais ou paramilitares, simplesmente porque amplos segmentos sociais estão apavorados com o índice de criminalidade e se sentem protegidos do crime pelo próprio crime. Justifica-se assim qualquer procedimento para limpar a cidade, enquanto inquéritos e investigações policiais sobre esta matança indiscriminada simplesmente desaparecem ou são arquivados. Dimenstein mostra que não há interesse em levá-los adiante.

Quando tentam desafiar esta cortina de silêncio que vem tornando o assassinato de crianças uma prática incorporada aos hábitos de algumas comunidades do país, associações em defesa de menores e grupos de voluntários que trabalham com crianças carentes esbarram em argumentos do gênero: "Mas por que defender bandidos?" "Qual o futuro desta criança?" Do lado mais fraco, os depoimentos colhidos por Dimenstein não são menos cruéis. Crianças de 9 ou 10 anos, como G. T. de Recife, afirmam: "Sei que só vou descansar quando tomar um tiro".

Para estas crianças jogadas na rua, cada dia é um dia. O próximo pode não existir. Um dos garotos ouvidos pelo autor comparou sua vida ao vento: "Não tem nada que segure". Outro, que se deixou fotografar com o rosto parcialmente coberto, perguntou insistentemente quando o livro ficaria pronto e justificou sua ansiedade: "Até lá posso não estar vivo". Não menos dramático é o sonho de A. N. M. de 9 anos, também de Recife, preso diversas vezes por furto: "Quero ser policial porque vou poder roubar e ninguém me pega". É prática comum, apurou Gilberto Dimenstein, policiais exigirem uma espécie de *pedágio* de crianças flagradas furtando, para estas não serem levadas aos órgãos oficiais de "re-socialização".

IMAGEM NOVA MAS NEM TANTO

1. Convocados de várias latitudes, sentaram-se à mesma mesa os donos do capital. Que se julgam também donos do mundo. Lêem relatórios. Alinham dados estatísticos. Apresentam mapas de progressão e regressão. Discutem. Apontam as mazelas do Terceiro Mundo. Pobreza e miséria. Incompetência e corrupção. Concordam, sem quaisquer condições, que a mestiçagem de raças inferiores está na raiz de todo atraso, quem sabe? Insinuam que o clima do hemisfério Sul enerva, entedia, adormece, desfibra todas as energias físicas e sobretudo morais.

2. São longas horas de discussão e de técnica. Sempre do ponto de vista de empresários bem sucedidos, de nações industrializadas que progrediram com o próprio esforço. Sempre em face de nações subdesenvolvidas e miseráveis. Nesse grupo se decide a sorte do Terceiro Mundo. Por que decidimos nós? Porque vocês não sabem decidir. Não sabem. Não querem. Não podem. Gostaríamos de refugiar-nos no conforto de nossos bons êxitos. Sem ver essa miséria. Para o progresso do mundo subdesenvolvido saímos de nosso conforto. E aqui estamos.

3. Afinal brilha uma luzinha fraca no final do túnel. O Terceiro Mundo nos interessa muito, na medida em que se torna mercado para os países industrializados. Precisamos crescer. Dinheiro não cheira. Dinheiro não chora. Dinheiro se ganha com todos os recursos do saber humano. Depois dos bons êxitos conseguidos no Primeiro Mundo, temos lá um mercado saturado. Precisamos agora investir no Terceiro Mundo. Para progredirmos sim, mas sobretudo para termos novos mercados que absorvam nossa produção crescente. Dinheiro não tem amor. Nem Pátria. (A.H.)

LINHAS PASTORAIS

AI DE MIM SE EU NÃO PREGAR...

• Escreveu Paulo (1Cor 9,16) uma opinião que, com as devidas adaptações, vale para toda a Igreja universal e para cada um de seus membros, clérigos ou leigos: "Porque pregar o evangelho não é para mim um motivo de glória: é uma obrigação que me foi imposta. E aí de mim se eu não pregasse o evangelho".

• Daí por que o Vaticano II pode ensinar que "a Igreja peregrina é, por sua natureza, missionária" (AG 2). Toda a Igreja, pela palavra de reconciliação, mas ainda por seus sinais e suas estruturas, deveria não só anunciar mas ser, por ela mesma, anúncio do mistério da salvação, anúncio do Reino que virá.

• Mesmo que num sentido rigoroso seja reservada a chamada "homília" e a pregação oficial ao celebrante da Eucaristia, quanto espaço ainda sobra para o Povo de Deus pregar o mistério de Jesus Cristo e da Igreja a toda a comunidade.

• Têm a catequese de crianças, o ensino religioso, a catequese sacramental, quase sempre

desempenhada por leigos. Têm nas Comunidades Eclesiais de Base e, muitas vezes também nas paróquias, as celebrações da Palavra de Deus que, em geral, fica entregue ao cuidado pastoral dos ministros leigos.

• A partir do Batismo, que o introduz no seio do mistério da Igreja, a partir da Crisma, que o qualifica de modo particular para o apostolado, a partir também da Eucaristia, "entregue para a vida do mundo" (Jo 6,33.51), o cristão se sente "colaborador de Deus" (cf. 1Cor 3,9).

• Graças a Deus, o Vaticano II (1962-1965) ofereceu aos leigos muitas ocasiões de participar na vida interna da Igreja, além daquela missão primordial que lhes caberia: "renovar a ordem temporal" (AA 7). Em muitas dioceses os leigos assumem os ministérios da Comunhão, da administração do Batismo, de testemunhas qualificadas do Matrimônio. Podem exercer esses ministérios tanto homens como mulheres.

• Não se trata de "clericalizar" os leigos nem de "aliviar simplesmente" os padres de seus deveres pastorais. Mesmo exercendo ministérios que nos últimos séculos foram confiados somente aos clérigos, os leigos continuam aquilo que são: leigos, Povo de Deus chamado a anunciar "Jesus Cristo e este, crucificado" (cf. 1Cor 2,2).

• Procurando um fundamento teológico para a participação do leigo na vida íntima da Igreja, o Vaticano II alargou, com razão, para o laicato as três funções ou múnus que anteriormente se reservavam somente aos clérigos. Lemos assim na *Lumen Gentium* (LG), o documento conciliar mais importante: "Estes fiéis (os leigos) pelo Batismo foram incorporados a Cristo, constituídos no Povo de Deus e, a seu modo, feitos partícipes do múnus sacerdotal, profético e régio de Cristo, pelo que exercem sua parte na missão de todo o Povo cristão na Igreja e no mundo" (LG 31). (Cf. também AA 10). (A.H.)

C = Comentador; L = Leitor; P = Povo; S = Sacerdote; Sl = Salmista; * = Indica que se pode usar outro texto.
Cânticos: AVULSOS

RITO INICIAL

1 CANTO DE ENTRADA



Tenho que gritar, tenho que arriscar: ai de mim se não o faço! / Como escapar de Ti, como não falar, se Tua voz arde em meu peito?

// Tenho que andar, tenho que lutar: ai de mim se não o faço! / Como escapar de Ti, como não falar se Tua voz me queima dentro?

1. Antes que te formasse no ventre amável de tua mãe; antes que tu nascesse te conheci e te consagrei. / Para ser meu profeta entre as nações eu te escolhi. Irás onde te envio e o que mando proclamarás!

2. Não temas arriscar-te porque contigo eu estarei. Não temas anunciar-me, porque em tua boca eu falarei. / Entrego-te meu Povo para arrancar e derrubar, para edificar destruír e plantarás.

3. Deixa teus irmãos, deixa teu pai e tua mãe; abandona tua casa, porque a terra gritando está. / Nada tragas contigo, pois a teu lado eu estarei. É hora de lutar, porque meu Povo sofrendo está.

2 SAUDAÇÃO

S. Em nome do Pai.

P. Em nome do Pai.

S. Em nome do Pai e do Filho.

P. Em nome do Pai e do Filho.

S. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

P. Amém. Amém! / Amém, Amém, Amém! (bis)

S. Bem-vindos mulheres e homens, crianças e jovens, adultos e idosos! Povo de Deus reunido, a graça de nosso Senhor Jesus Cristo, o amor do Pai e a comunhão do Espírito Santo, estejam sempre convosco.

P. Vamos todos bendizer: ale, ale! / Aleluia, Aleluia: luia, luia!...

* 3 SENTIDO DA CELEBRAÇÃO

C. Durante este Mês das Missões o Senhor Jesus esteve conosco, no louvor ao Pai, na força do Espírito Santo. De coração aberto acolhemos a salvação. Aceitando a proposta de Jesus nós nos convertemos. Somos mulheres e homens novos. As nossas boas obras já fazem com que os homens amem a Deus Pai que está no céu. Assumimos com coragem a nossa missão. Já podemos ser contados entre os discípulos de Cristo. Ouvimos e celebramos a Palavra do Senhor que nos convoca a produzir frutos de justiça, abraçando as lutas dos irmãos empobrecidos. Fomos convidados e participamos do banquete da salvação e antecipamos, aqui na terra, o banquete feliz do Reino. Aprendemos e acreditamos que somos de Deus e que de nós Ele não pede impostos. O que Ele quer é a nossa vida doada a Ele no amor aos irmãos. E neste domingo o Senhor nos dá ainda uma lição entregando-nos a regra do amor ao próximo e nos chama a viver o maior mandamento. Celebremos e vivamos o que Ele nos ensina e caminhemos para a libertação e a vida plena.

4 ATO PENITENCIAL

S. Peçamos perdão e arrependidos caminhemos confiantes ao encontro do Deus Libertador, que quer ser amado nos irmãos mais pequeninos e humilhados. (Pausa para revisão de vida).

P. Eu vim aqui, Senhor, pedir perdão e mais amor! (bis)

S. 1. Senhor, que viestes salvar os corações arrependidos.

P. Piedade, piedade, piedade de nós! (bis)

S. 2. Ó Cristo, que viestes chamar os pecadores humildados.

P. Piedade, piedade, piedade de nós!

S. 3. Senhor, que intercedeis por nós, junto a Deus Pai que nos perdoa.

P. Piedade, piedade, piedade de nós!

S. Deus todo-poderoso tenha compaixão de nós, perdoe os nossos pecados e nos conduza à libertação e à vida plena.

P. Amém!

5 GLÓRIA

S. Glória a Deus nas alturas,

P. e paz na terra aos homens por ele amados.

/ Senhor Deus, rei dos céus, Deus Pai todo-poderoso: / nós vos louvamos / nós vos bendizemos / nós vos adoramos / nós vos glorificamos / nós vos damos graças por vossa imensa glória. / Senhor Jesus Cristo, Filho unigênito / Senhor Deus, Cordeiro de Deus, Filho de Deus Pai. / Vós que tirais o pecado do mundo / tende piedade de nós. / Vós que tirais o pecado do mundo / acolhei a nossa súplica. / Vós que estais à direita do Pai / tende piedade de nós. / Só vós sois o Santo / só vós o Senhor / Só vós o Altíssimo Jesus Cristo / com o Espírito Santo, na glória de Deus Pai. Amém.

6 COLETA

S. Oremos: Deus eterno e todo-poderoso, aumentai em nós a fé, a esperança e a caridade. Dai-nos amar o que ordenais, para conseguirmos o que prometeis. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso filho, na unidade do Espírito Santo.

P. Amém!

LITURGIA DA PALAVRA

7 PRIMEIRA LEITURA



C. Deus escuta os clamores dos oprimidos porque é misericordioso. Ele virá defendê-los. O que exige de nós é amor e justiça para com o seu Povo.

L. Leitura do Livro do Êxodo (22, 20-26). — “Assim diz o Senhor: Não maltratam nem oprimam o estrangeiro, pois vocês foram estrangeiros no Egito. Nunca oprimam uma viúva ou um órfão. Se os oprimirem, eles clamarão a mim e eu escutarei os seus clamores. Então minha cólera vai inflamar-se e eu vou matar vocês pela espada. Suas mulheres se tornarão viúvas e seus filhos ficarão órfãos. Se vocês emprestarem dinheiro a alguém do meu povo, a um pobre que vive ao lado de vocês, não o explorem, dele cobrando juros.

Se tomarem como penhor o manto do próximo, devem devolvê-lo antes do pôr-do-sol, pois é a única veste que ele tem para o seu corpo e é sua cobertura para dormir. Se ele gritar a mim, eu o escutarei, porque sou misericordioso”. — Palavra do Senhor. — P. Graças a Deus!

8 CANTO DE MEDITAÇÃO

(Sl 17)

C. Bendito e louvado seja Deus nos irmãos marginalizados. Viva o Senhor naqueles que fazem a sua vontade.

É Deus quem ouve os clamores do seu Povo / por isso nos invoca a buscar um mundo novo!

Sl. 1. Eu vos amo, ó Senhor, sois minha força, / minha rocha, meu refúgio e salvador! / Ó meu Deus, sois o rochedo que me abriga, / minha força e poderosa salvação!

2. Ó meu Deus, sois o rochedo que me abriga / sois meu escudo e proteção: em vós espero! Invocarei o meu Senhor: a Ele a glória / e dos meus perseguidores serei salvo!

3. Viva o Senhor! Bendito seja o meu rochedo! / E louvado seja Deus, meu Salvador! / Concedei ao vosso rei grandes vitórias / e mostrais misericórdia ao vosso Ungido!

9 SEGUNDA LEITURA

C. Prazer, desejo de ter, poder, TV e tantas outras coisas deste mundo são deuses falsos. Abandoná-los e colocar-nos a serviço do Deus vivo é fazer opção pela vida, é crer no Cristo que nos livra do castigo eterno.

L. Leitura da Primeira Carta de S. Paulo Apóstolo aos Tessalonicenses (1,5c-10). — “Irmãos: Lembrem-se de que maneira agimos entre vocês, para o seu bem. Vocês se fizeram imitadores nossos e do Senhor, acolhendo a Palavra com alegria do Espírito Santo, apesar de tantas tribulações. Assim se tornaram modelo para todos os fiéis da Macedônia e da Acaia. Porque, partindo de vocês, a Palavra do Senhor se divulgou não apenas na Macedônia e na Acaia. A sua fé em Deus propagou-se por toda a parte, de tal modo que não precisamos mais dizer nada. Pois eles mesmos contam como vocês nos acolheram e como se converteram, abandonando os falsos deuses, para servir ao Deus vivo e verdadeiro, esperando dos céus o seu Filho, a quem Ele ressuscitou dentre os mortos: Jesus, que nos livra do castigo futuro”. — Palavra do Senhor. — P. Graças a Deus!

10 CANTO DE ACLAMAÇÃO



Viva Jesus, que vai agora nos falar! / Mulher e homem, ó Senhor, vem libertar!

Sl. Quem me ama realmente guardará minha Palavra / e meu Pai o amará; e a ele nós viremos.

11 EVANGELHO

C. *Ama a Deus quem ama o próximo com amor solidário, concreto, comprometido. Amar a Deus e ocupar-se com as necessidades dos irmãos pequeninos, eis o caminho da Salvação.*
S. O Senhor esteja convosco.
P. Ele está no meio de nós!
S. Evangelho de Jesus Cristo segundo Mateus (22,34-40).
P. Glória a vós, Senhor!

S. "Naquele tempo, os fariseus ouviram dizer que Jesus tinha calado a boca dos saduceus. Então se reuniram em grupo e um deles perguntou a Jesus, para fazê-lo cair em armadilha: 'Mestre, qual é o maior mandamento da Lei?' Jesus respondeu: 'Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento!' Esse é o maior e o primeiro mandamento. O segundo é semelhante a esse: 'Amarás ao teu próximo como a ti mesmo'. Toda a Lei e os profetas dependem desses dois mandamentos". — Palavra da Salvação.
— P. Louvor a vós, ó Cristo!

12 PREGAÇÃO — PARTILHA

13 PROFISSÃO DE FÉ

S. Creio em Deus Pai todo-poderoso.
P. Criador do céu e da terra. / E em Jesus Cristo seu único Filho, nosso Senhor, / que foi concebido pelo poder do Espírito Santo / nasceu da Virgem Maria / padeceu sob Pôncio Pilatos / foi crucificado, morto e sepultado / desceu à mansão dos mortos / ressuscitou ao terceiro dia / subiu aos céus / onde está sentado à direita de Deus Pai todo-poderoso / donde há de vir a julgar os vivos e os mortos. / Creio no Espírito Santo / na santa Igreja católica / na comunhão dos santos / na remissão dos pecados / na ressurreição da carne / na vida eterna. Amém.

* 14 ORAÇÃO DOS FIÉIS

S. Queremos amar a Deus, no amor comprometido com os irmãos. Senhor, nosso Deus e Pai, escutai nossa prece!

L1. A Igreja quer vos amar, Senhor, numa verdadeira opção pelos pobres e pequenos, que não quereis que se percam. Nós vos pedimos:

P. Senhor, escutai a nossa prece!

L2. A única Lei justa, a maior de todas as leis, Senhor, é amar a Deus e amar os irmãos. Nós vos pedimos: iluminai nossos governantes e nossos representantes políticos, para que eles façam a Constituição justa, segundo vosso projeto de amor.

L3. Nossa comunidade vos quer acolher, Senhor, acolhendo o estrangeiro, a viúva, o órfão e o pobre. Confiante nós vos pedimos:

L4. Senhor, não permitais que nossa fé enfraqueça. Não nos deixeis cair na tentação de fugir do mundo, refugiando-nos na tranquilidade de nossa comunidade. Nós vos pedimos:

L5. Obrigado, Senhor, pelos frutos que colhemos neste mês das missões. O pouco que fizemos seja sinal de nosso amor a vós e aos irmãos:

Outras intenções da comunidade...

S. Senhor, Deus e Pai, no meio dos homens e do mundo queremos doravante vos encontrar.

trar. Unidos a vós e aos irmãos, queremos alcançar o Reino que prometestes. Por Jesus Cristo vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.

P. Amém!

LITURGIA EUCARÍSTICA

15 CANTO DAS OFERTAS



1. *Se calarem a voz dos profetas, as pedras falarão. / Se fecharem uns poucos caminhos, mil trilhas nascerão.*

Muito tempo não dura a verdade nestas margens estreitas demais: Deus criou o infinito pra vida ser sempre mais! / É Jesus este Pão de igualdade, viemos pra comungar com a luta sofrida do Povo que quer ter voz, ter vez, lugar! / Comungar é tornar-se um perigo: viemos pra incomodar! Com a fé e a união nossos passos, um dia, vão chegar!

2. *O Espírito é vento incessante que nada há de prender. / Ele sopra até no absurdo, que a gente não quer ver.*

3. *No banquete da festa de uns poucos, só rico se sentou. / Nosso Deus fica ao lado dos pobres colhendo o que sobrou.*

4. *O poder tem raízes na areia, o tempo faz cair. / União é a rocha que o Povo usou pra construir.*

5. *Toda luta verá o seu dia nascer da escuridão. / Ensaíamos a festa e a alegria, fazendo comunhão.*

16 ORAÇÃO DAS OFERTAS



S. Orai, irmãos, para que o nosso sacrifício seja aceito por Deus Pai todo-poderoso.

P. Receba o Senhor por tuas mãos este sacrifício / para a glória do seu nome / para o nosso bem e de toda a santa Igreja.

S. Olhai, Deus de bondade, as oferendas que colocamos diante de vós. Seja para vossa glória a celebração que realizamos. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.

17 ORAÇÃO EUCARÍSTICA



(Prefácio próprio. No fim).

P. (canta): Santo, Santo, Santo... (A Oração Eucarística compete somente ao sacerdote. Após a consagração):

S. Eis o mistério da fé.

P. Salvador do mundo, salvai-nos / vós que nos libertastes pela cruz e ressurreição.



18 CANTO DA COMUNHÃO



1. O Senhor nos amou, ninguém teve tanto amor. É o Pastor que nos guia a cada dia. / Quando o Pão está no altar, Ele quer nos abraçar. É o Pão da Amizade, o Pão de Deus! É MEU CORPO, todos vós comei! / É MEU SANGUE, todos vós bebei! // EU SOU A VIDA, EU SOU O AMOR! / Conduzi-nos, ó Senhor, por vosso Amor!

2. O Senhor nos amou, ninguém teve tanto amor. Ele nunca se cansava quando aqui na terra andava. / Seu amor era tão forte, que venceu até a morte. Foi no dia em que por nós ressuscitou!

3. O Senhor nos amou, ninguém teve tanto amor. Ele dá o seu amor, aos que estão ao seu redor. / Seguremos nossas mãos, todos somos seus irmãos. Nada pode destruir este amor!

19 AÇÃO DE GRAÇAS



S. Oremos: Ó Deus, vossos sacramentos produzam em nós o que significam; um dia, entremos em plena posse do mistério que agora celebramos. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.
P. Amém!

RITO FINAL

* 20 MENSAGEM PARA A VIDA

(Após as comunicações de interesse para a comunidade).

C. *Quem quer amar a Deus não precisa e nem deve fugir do convívio dos homens. Quem quer amar o próximo não precisa e nem pode afastar-se de Deus. Quem ama um ama o outro. Não tenhamos medo de servir aos irmãos! Não fujamos da luta pela nova sociedade. É no rosto sofrido dos pobres, dos jovens, dos menores abandonados, dos índios, dos negros, da mulher marginalizada, do idoso, dos operários e lavradores que iremos encontrar o rosto misericordioso de Deus. Sem os irmãos não veremos a Deus.*

21 BÊNÇÃO FINAL

S. O Senhor esteja convosco.

P. Ele está no meio de nós!

S. Irmãos, o Deus de toda consolação disponha, na sua paz, vossos dias e vos conceda suas bênçãos. Sempre vos liberte de todos os perigos e confirme vossos corações em seu amor. Assim, ricos em esperança, fé e caridade, possais viver praticando o bem e chegar felizes à vida eterna.

P. Amém! Assim seja!

S. Abençoe-vos o Deus todo-poderoso, Pai, Filho e Espírito Santo.

P. Amém!

S. Vamos em paz e o Senhor vos acompanhe.

P. Amém!

22 CANTO DE SAÍDA

1. *Pelas estradas da vida nunca sozinho estás. Contigo pelo caminho, Santa Maria vai! Ó vem conosco, vem caminhar: Santa Maria, vem!*

2. *Se pelo mundo os homens sem conhecer-se vão. Não negues nunca a tua mão a quem te encontrar.*

3. *Mesmo que digam os homens: tu nada podes mudar. Luta por um mundo novo de unidade e paz.*

4. *Se parecer tua vida inútil caminhar. Lembra que abres caminho, outros te seguirão.*

LEITURAS PARA A SEMANA:

2ª-feira: Ef 4,32—5,8; Lc 13,10-17. / 3ª-feira: Ef 5,21-33; Lc 13,18-21. / 4ª-feira: Ef 6,1-9; Lc 13,22-30. / 5ª-feira: Ef 6,10-20; Lc 13,31-35. / 6ª-feira: FINADOS. / Sábado: Fl 1,18b-26; Lc 14,1.7-11. / Domingo: Ap 7,2.4.9-14; 1Jo 3,1-3; Mt 5,1-12a (Todos os Santos).

RICOS COMPRANDO CAMPOS, POBRES FUGINDO PARA A CIDADE

Na língua da Bíblia, só existe uma palavra para dizer *justiça e libertação*. Por isso é que o povo chamava de *Juízes* os seus líderes, na luta de libertação. Já vivia então a fé que a justiça de Deus, o julgamento de Deus, a forma de Deus fazer justiça é sempre a favor do pobre. Na Bíblia, justiça e libertação não apenas são sinônimos mas são a mesma palavra. Desta forma, os Juízes foram aqueles homens que organizavam o povo e o chefiavam em suas lutas para ser um povo livre.

Um dos primeiros Juízes ou Libertadores de Israel foi Gedeão. Gedeão era um pequeno proprietário. Estava limpando sua lavoura e guardando o trigo que tinha colhido, quando o Senhor o chamou. Ele deixou sua lavoura e foi se dedicar à luta, em defesa não só do que era dele, mas de toda a terra do seu povo.

Jefté, outro dos Juízes, era um pobre filho de uma prostituta e que por isso seus irmãos não o aceitavam. Deus o escolheu para liderar o povo. Ele mandou dizer aos invasores amonitas: "Vocês não têm tudo o que Camos, o deus de vocês, lhes deu? Pois bem, esta terra foi Javé, nosso Deus, que deu para nós, e vocês não vão poder tomar (Jz 11,24).

O povo contou histórias incríveis de um dos seus Juízes, o Sansão. Mas o fato é que todos foram fiéis a Deus, lutando pelo direito que todo o seu povo tinha à posse da terra.

Com o passar do tempo, o povo da Bíblia foi levado a ter um rei, a ter capital e a centralizar assim sua administração e sua organização social, por causa do perigo constante das invasões estrangeiras. As tribos, que antes tinham um regime de federação, passam a se unificar em torno da tribo de Judá e da pessoa do rei. Construíram uma capital para o rei e um templo para Deus.

Pouco a pouco, o modo de viver do povo foi mudando. Enquanto os ricos da cidade compravam terras no campo como sinal de prestígio e poder, os pobres eram obrigados a vir morar na cidade grande, a se empregarem na construção civil ou no exército do rei. Israel foi ficando uma nação importante e considerada. Aparentemente muito progresso, apesar da situação do povo ficar cada dia mais dura e dolorosa.

O rei Salomão fazia dívidas no estrangeiro, para embelezar a capital e manter o prestígio. Construiu o magnífico templo de Deus, para

mostrar ao povo como era religioso e como as autoridades do Estado e as autoridades da Religião estavam unidas. Até os sacerdotes do templo era o rei que nomeava. E tinha muitos contatos com príncipes estrangeiros e com gente de outras culturas.

Para construir o templo, como o povo de Israel não sabia cortar e preparar as madeiras de cedro, o rei contratou muitos empregados estrangeiros do Líbano, e tinha de pagar, cada ano, ao rei de Tiro, a taxa de vinte mil cargas de trigo e vinte mil medidas de azeitona moída (cf. 1Rs 5,6-11). Os trinta mil israelitas que trabalhavam na construção do templo não recebiam a mesma coisa. E o rei fez muitas outras obras imponentes, gastando nisso todo o dinheiro do povo, enquanto fazia os lavradores trabalharem e penarem, para pagar os gastos e a riqueza do rei e dos homens da capital.

Quando os gastos ficaram demais e o rei não tinha mais com que pagar os estrangeiros, ele chegou a vender ao rei de Tiro, que era um país estrangeiro, vinte cidades da Galiléia, região de Israel onde o povo era mais pobre e não podia protestar.

VIVER EM CRISTO

AMAR A DEUS NO PRÓXIMO

Frei Alberto Beckhäuser, OFM

A polêmica de Jesus com os fariseus continua neste Domingo, como continua também em cada cristão a tensão entre o Reino de Deus e os compromissos com o mundo, conforme vimos no Domingo passado, entre o amor de Deus que é o primeiro e o maior dos mandamentos e o amor ao próximo, semelhante ao primeiro (cf. Ev., Mt 22,34-40). Um não existe sem o outro, ou, então, um manifesta-se através do outro.

O encontro com Deus leva à descoberta do próximo e intensifica a relação de amor com ele. Quando Jesus revela a Deus como Pai nosso, está revelando a nossa vocação de filhos e filhas do mesmo Pai e Criador. E se filhos e filhas, então, irmãos e irmãs. Todos são chamados à imagem e semelhança de Deus, independentemente de raça, cor, condição social ou sexo. Todos igualmente são chamados a viverem uma vida digna de filhos e filhas

de Deus. Se Deus nos amou primeiro, dando-nos a vida e chamando-nos à comunhão feliz de amor com Ele, não sobra lugar para o ódio ou o desprezo. A consequência é que a vivência de nossa vocação de filhos de Deus exige nosso amor fraterno para com o próximo, a começar do mais necessitado: o órfão, a viúva, o pobre, o estrangeiro (cf. 1ª leitura, Ex 22,21-27).

Surge sempre de novo a tentação de se querer amar a Deus através da oração, da contemplação, da Liturgia e organizar a existência a partir de critérios egoístas, onde se pensa apenas nos próprios interesses.

Certamente o amor de Deus pode e deve expressar-se de modo particular na oração individual e na Liturgia. Mas deve manifestar-se também na existência concreta do dia-a-dia naquilo que podemos chamar de memória testamentária de Cristo, ou seja, tornando pre-

sente o Cristo que lava os pés dos seus discípulos, que exerce a misericórdia, que dá sua vida pela vida do mundo.

Aquilo que celebramos na Liturgia tornar-se-á realidade também em nossa ação. Na Eucaristia todos são iguais, todos se reconciliam no abraço da paz, todos participam do mesmo Pão partilhado. Terminada a Missa, é hora de todos se tornarem também pão partilhado para o próximo, a exemplo dos tessalonicenses da 1ª leitura (cf. 1Ts 1,5c-10). Assim cumprimos os dois mandamentos que realizam a lei e os profetas.

Demos graças ao Pai por todas as manifestações do verdadeiro amor a Deus e ao próximo, vivido pelos membros desta Comunidade, sobretudo em favor dos mais necessitados. E possamos realizar sempre mais em nossa vida o mandamento do amor.

POR ELAS, VIRÁ O DIA EM QUE TODOS...

Hoje estudaremos o Canto de Maria, o Magnificat. Nele, Maria reúne a voz de todas as mulheres que, através de sua humildade e a partir de sua humilhação, reconhecem a ação de Deus, nelas e no povo. Humildade é a condição interior de onde parte o canto de Maria; é o lugar do reconhecimento da graça de Deus: "Ave, cheia de graça!"

Os poderosos e os grandes se orgulham de sua posição e de seus feitos. Maria do povo, Maria mulher, Maria do pobre reconhece a ação de Deus nela. Deus não despreza a sua pequenez. Antes, do nada, com a "força do seu braço", torna possível o impossível humano. Então Maria abre o seu ser e dá espaço para o "olhar misericordioso de Deus". Humilhação é o lugar social de onde parte o Canto de Maria. É o lugar para onde se dirige o olhar misericordioso do Senhor. Mais uma vez se repete a grande história do Egito. Foi lá que tudo começou, quando Deus mostrou ser fiel ao seu povo de Israel e fez grandes feitos com o poder de seu braço (Ex 3,7-10). Hoje como ontem, a humilhação e o sofrimento por causa da opressão cativam o olhar de Deus. Aquela Maria, mãe de Jesus, e as Marias de hoje, vinte séculos depois, continuam na humilhação.

É uma humilhação que se dá, porque existem poderosos nos tronos e humilhados; por-

que existem ricos e famintos; porque existem homens de coração orgulhoso. Naquele tempo, chamavam-se romanos, que dominavam e exploravam; chamavam-se saduceus, latifundiários e comerciantes; chamavam-se herodianos, fariseus... Por causa deles, crescia o número dos marginalizados sofredores, que andavam pelas estradas da Palestina. Eram desempregados, doentes, escravos, mendigos, "pecadores". Ainda por cima, eram chamados de impuros pois, se fossem justos, seriam premiados por Deus. Mas viviam na miséria, logo algum mal deviam ter feito!

Hoje os nomes mudaram: poderosos, ricos, orgulhosos têm outros rostos, sentam em outros tronos, encontram outras maneiras de enriquecer explorando o povo. Mas nossas Marias continuam falando de sua humilhação, a partir de sua humildade. E mais: além de serem humilhadas junto com seus maridos, seus filhos, seu povo, elas, hoje como ontem, são humilhadas também como mulheres, por serem mulheres.

Maria, na condição de mulher, era marginalizada pelos donos do templo e pelos doutores da lei. Por ser mulher, sentava-se calada na segunda fila da sinagoga; por ser mulher, ficava no templo num lugar mais afastado; por ser mulher, só era valorizada como mãe de varões e como esposa. A mulher não

era serva dos poderosos, dos ricos, dos orgulhosos; ela era também serva do homem. Hoje muita coisa mudou, mas nem tanto assim. A mulher, por ser mulher, continua rebaixada, desvalorizada, muitas vezes desrespeitada. Apesar de tudo, o NOVO acontece! Desta humilhação brota um canto: canto de alegria, de júbilo, de felicidade. É do encontro de suas mulheres — Maria e Isabel — lá nas montanhas de Judá, no meio da pobreza, que sai a glorificação do Senhor. Por serem mulheres, sentem seu ventre cheio de vida: se solidarizam, se visitam, juntas confirmam a ação de Deus.

Uma moça virgem e uma mulher estéril celebram o impossível: o milagre da vida nova nasce nelas e por elas, sinal da onipotência do Senhor. Hoje também, da humilhação das mulheres estão nascendo maravilhas: um novo modo de ser Igreja, uma nova pastoral, movimentos de luta, de conscientização, de solidariedade, de reivindicação e defesa, de engajamento político. As mulheres estão carregando em suas mãos as bandeiras da libertação do povo, gerando no seu ventre a semente da nova sociedade. Por causa delas, já podemos cantar confiantes: "Virá o dia em que todos, ao levantar a vista, veremos nesta terra reinar a liberdade".